



Artigo

DOI: <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2024v50id5304>

## **Criação de formas expressivas na estratégia de combate à violência contra a mulher: dois estudos à luz de Luc Boltanski**

The creation of expressive forms in the strategy to tackle violence against woman: two studies according to Luc Boltanski

Creación de formas expresivas en la estrategia de combate contra la violencia hacia la mujer: dos estudios a la luz de Luc Boltanski

**Ana Elisa Viviane** – Universidade de Sorocaba (Uniso) | Sorocaba | SP | Brasil. E-mail: [ana.viviani@gmail.com](mailto:ana.viviani@gmail.com) | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9067-6917>

**Resumo:** O intuito deste trabalho é investigar as estratégias de mobilização do espectador para causas como a violência contra a mulher à luz da obra “Distant Suffering”, de Luc Boltanski. Nela, o autor, que analisa a relação entre política de piedade e mídia, elabora uma fórmula que combina aspectos universais e particulares para a criação de formas expressivas, isto é, músicas, filmes, histórias, a fim de engajar o espectador em uma determinada causa. Neste artigo, recorreremos a duas campanhas que tratam do tema, embora adotem linguagens audiovisuais distintas. A primeira foi produzida pela ONU Mulheres em parceria com a Rede Globo em 2020 e a segunda foi produzida no mesmo ano pelo Ministério Público de Santa Catarina. Nelas, são destacados aspectos qualitativos das peças que possam ter relação ou não com a fórmula boltanskiana.

**Palavras-chave:** imaginação do espectador; política de piedade; particularização e universalismo na propaganda social.

**Abstract:** The purpose of this work is to investigate strategies for mobilization the spectator for causes such as violence against women according to the Luc Boltanski's work intitled Distant Suffering. In it, the author, who analyses the relationship between politics of pity and media, develops a formula that combines universal and particular aspects for creating expressive forms, such as music, films, stories, in order to engage the spectator in specific cause. In this article, we investigate two campaigns addressing the theme, although they adopt different audiovisual languages. The first one was produced by UN Women in partnership with Globo Network in 2020, and the second one was produced in the same year by the Santa Catarina Public Ministry. We highlight qualitative aspects of these videos that may or may not be related to the boltanskian formula.

**Keywords:** spectator's imagination; politics of pity; particularization and universalism in social advertising.

**Resumen:** El propósito de este trabajo es investigar las estrategias de movilización del espectador hacia causas como la violencia contra la mujer a la luz de la obra "Distant Suffering", de Luc Boltanski. En ella, el autor, quien analiza la relación entre política de piedad y medios de comunicación, desarrolla una fórmula que combina aspectos universales y particulares para la creación de formas expresivas, es decir, música, películas, historias, con el fin de involucrar al espectador en una causa específica. En este artículo, recorrimos a dos campañas que abordan el tema, aunque adoptan diferentes lenguajes audiovisuales. La primera fue producida por ONU Mujeres en colaboración con la Rede Globo em 2020 y el segunda fue producida en el mismo año por el Ministerio Público de Santa Catarina. En ellas, se destacan aspectos cualitativos de las piezas que pueden o no estar relacionados o no con la fórmula boltanskiana.

**Palavras claves:** imaginação del espectador; política de piedad; particularización y universalismo en la publicidad social.

## 1 Introdução

Nos anos da pandemia o Brasil viu crescerem os números da violência doméstica e contra a mulher. Números que já eram estonteantes se exacerbaram ainda mais com o confinamento das famílias em suas residências, muitas vezes precárias e com a queda acentuada da renda.

Logo no início, nos meses de março e abril de 2020, notou-se uma queda nas denúncias, mas não por causa da redução da violência, mas porque, em função do isolamento, as vítimas não conseguiam sair de casa para fazer tais denúncias ou, então, sentiam medo de fazê-las com a proximidade de seu parceiro. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) de abril de 2020, os registros de feminicídios no mês de março de 2020 cresceram mais de 46% no Estado de São Paulo em relação ao mesmo mês de 2019, por exemplo. Em outros estados a situação foi ainda mais dramática.

Em 2021, o Relatório Visível e Invisível (FBSP, 2021), por exemplo, corrobora esse aspecto dos indicadores, isto é, queda no número de denúncias pelo canal 180<sup>1</sup>, porém aumento do registro da violência letal, ou seja, de casos de feminicídios, e aumento do número de registros de violência doméstica para o 190, o número de emergência das Polícias Militares.

Ainda segundo dados de 2021 (FBSP, 2021), a maior parte das vítimas de violência foi de mulheres pretas, correspondendo a 28,3% do total, além de serem também as que mais perderam o emprego na pandemia, correspondendo a 37% do total. Por fim, quanto aos casos de assédio sexual, as mulheres pretas também são as que mais sofreram, correspondendo a 52,2%.

É importante ressaltar que a violência contra a mulher contém características particulares que demandam medidas complexas. Por exemplo, na maior parte das vezes as vítimas sofrem as agressões em suas próprias casas e seus agressores são pessoas conhecidas, na maior parte das vezes seus próprios companheiros. A vítima também costuma ser agredida recorrentemente e a ação para a denúncia não é um processo simples, podendo levar anos. Além disso, durante o período de confinamento, as mulheres ficaram sobrecarregadas com a tarefa de cuidado dos filhos, ao mesmo tempo em que tiveram uma precarização em suas condições de vida em decorrência de queda de sua renda.

---

<sup>1</sup> Número designado para denúncias relacionadas à violência doméstica e violência contra a mulher.

Nesse contexto, o governo federal e alguns governos estaduais, além de outros órgãos públicos e entidades, desenvolveram campanhas com o objetivo de dar uma tratativa ao tema, tanto para incentivar a prática da denúncia quanto para informar sobre os direitos das mulheres quanto à violência doméstica.

Assim, em 2020, a ONU Mulheres, a Rede Globo e o canal GNT lançaram a campanha “Denuncie 180 #JuntosContraAViolencia” (ONU Mulheres, 2020). A parceria com um grupo de mídia como a Rede Globo possibilitou veicular o vídeo nos intervalos da programação do canal GNT e da própria Globo, além de ser divulgado também no YouTube, Facebook e Instagram.

Por sua vez, o Ministério Público de Santa Catarina (MPSC), por meio do Grupo de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (GEVIM), do Centro de Apoio Operacional Criminal e da Segurança Pública (CCR) e do Centro de Estudos de Aperfeiçoamento Funcional (CEAF)<sup>2</sup>, lançou em agosto de 2020 a campanha “Violência doméstica: não se cale”, que produziu uma cartilha digital e postagens em redes sociais com três vídeos, sendo um deles o que analisaremos neste trabalho.

Selecionamos, então, esses dois vídeos por abordarem o mesmo tema, porém recorrendo a diferentes linguagens audiovisuais. O vídeo da ONU Brasil (2020) é conduzido por combinação de tomadas externas e internas de prédios e áudios de vozes ao longo de 40 segundos de duração. Por sua vez, o vídeo do MPSC é conduzido por uma narração que combina representações figurativas de personagens femininos, na sua maioria, e aplicação textual com uma duração de 59 segundos.

Como analisaremos mais adiante, as opções adotadas por ambas as peças em termos de linguagens e seus aspectos qualitativos, podem se conectar ou não, em maior ou menor grau, à fórmula delineada por Luc Boltanski para o engajamento do espectador. Trata-se de uma perspectiva distinta de outros estudos a respeito do tema da violência contra a mulher, majoritariamente focados na análise do discurso.

O dossiê “Violência contra as mulheres nas narrativas midiáticas” (Oliveira; Mascarenhas; Miranda, 2023), publicado pela revista Pragmatizes – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, traz artigos que se articulam em torno da análise do discurso, com algumas exceções. Dos seis trabalhos apresentados, dois tratam de produções audiovisuais: “Violência contra as mulheres negras em A vida depois do tombo” (Paiva; Santos; 2023) e “Representações da violência contra mulheres na narrativa seriada Coisa mais linda (2019)” (Scher; Dylbas; Fiuza, 2023). Enquanto o primeiro analisa o conteúdo da série documental “A vida depois do tombo”, exibida na

---

<sup>2</sup> Conforme informações do Relatório Violência contra a Mulher (MPSC, 2023), recebido por nós no dia 4 de agosto de 2023 graças à Lei de Acesso à Informação.

Globoplay, para entender o modo como foi construída a atuação da artista Karol Conká no programa Big Brother Brasil, ele também traz a questão da interseccionalidade representada pela própria artista, negra e mulher. Por sua vez, o artigo que trata da série “Coisa mais linda”, disponibilizada na Netflix no ano de 2019, procura entender como as diversas situações de violência foram representadas à luz da relação entre cinema, crítica feminista, estudos de gênero e violência por meio de diversas referências teóricas, entre elas Pierre Bourdieu e Judith Butler.

Três artigos do dossiê tratam de veículos jornalísticos. O primeiro que destacamos é “Regularidades discursivas dos casos de feminicídio no Diário do Sertão”, que estuda como essa mídia tratou de sete casos de feminicídios no ano de 2020 (Lacerda; Lellis; Rabay, 2023). Para isso, os autores recorrem à análise dos enunciados das notícias do periódico em questão com o intuito de compreender como se manifestam os discursos ideológicos e suas relações com os poderes instituídos. Outro artigo intitula-se “‘Não quero ser mãe, não estou pronta’: a entrega legal para adoção e a (re)produção do cativo da *madresposa* nas narrativas jornalísticas” (Medeiros; Mozdzenski, 2023). Nele, os autores recorrem ao conceito de cativo da *madresposa*, da antropóloga mexicana Marcela Lagarde, para se referir à perpetuação das relações de opressão e aprisionamentos impostos à mulher com o intuito de reproduzir seu papel de esposa e mãe. Então, os autores investigam os discursos de quatro reportagens publicadas em quatro veículos distintos (o jornal mineiro “O Tempo”, o portal de notícias “Tribunal de Justiça de Pernambuco”, o periódico “Gazeta do Povo”, de Curitiba, e o portal de notícias “G1” do Distrito Federal) para tratar do tema da violência contra a mulher. Por fim, o último artigo desse grupo é “Feminicídio em pauta: análise do discurso sobre um crime de gênero que ganhou destaque nos programas policiais da Paraíba” (Rabay; Arbex, 2023), que recorre à análise do discurso de Patrick Charaudeau para compreender como a notícia em questão foi apresentada no programa jornalístico “Correio Verdade”, da TV Correio, afiliada da TV Record na Paraíba.

Por fim, um último trabalho que destacamos é o artigo “Análise de campanhas publicitárias institucionais no combate à violência doméstica” (Nogueira; Simões; Sani, 2022), que analisa sete campanhas publicitárias institucionais portuguesas que tematizam a violência doméstica. Para isso, as autoras utilizam o instrumental da análise do discurso a partir da perspectiva de Guy Cook, autor de *The discourse of advertising*.

Desta forma, ao utilizarmos o referencial teórico de Boltanski aliado à análise fílmica e seus aspectos qualitativos, pretendemos contribuir com uma abordagem focada na própria linguagem audiovisual das campanhas produzidas.

## 2 Formas expressivas e imaginação

No livro *Distant Suffering: morality, media and politics* (1999), o sociólogo francês Luc Boltanski inicia sua reflexão a fim de entender a relação entre o universalismo da política de piedade, que precisa generalizar para abarcar diferentes tipos de sofrimento, e a particularização em contextos específicos, o que é necessário para assegurar a efetividade dessa política. Daí a necessidade da distância, que precisa ser equilibrada entre esses dois extremos.

A partir das propagandas de ONGs, como a Médico sem Fronteiras<sup>3</sup>, veiculadas na TV durante o horário do almoço ou do jantar, e que exibem imagens de extremo sofrimento de indivíduos ou populações distantes, o autor coloca a pergunta: como é possível despertar a piedade no espectador e engajar seu comprometimento com a causa apresentada? Para Boltanski (1999, p. 12), esse espectador enfrenta um dilema, entre o constrangimento e a piedade, mas que não está relacionado à mídia moderna:

[...] o espetáculo do sofrimento, incongruente quando visto à distância por quem não sofre, e o mal-estar que esse espetáculo infalivelmente provoca - tão evidente hoje durante o jantar quando vemos corpos famintos ou massacrados desfilarem diante de nossos olhos em nossa casa - não é uma consequência técnica dos modernos meios de comunicação, mesmo que o poder e a expansão da mídia tenham trazido miséria para a intimidade de famílias afortunadas com eficiência sem precedentes. Assim como os problemas colocados ao espectador [...] também não o são. [...]. Eles surgem ao mesmo tempo quando a piedade é introduzida na política<sup>4</sup> (tradução nossa).

Segundo ele, esse espectador e a piedade na política confluem com o surgimento da sociedade moderna. Isso porque é na Revolução Francesa, mais especificamente em seu momento mais dramático, que a piedade é incorporada como

---

<sup>3</sup> Conforme Boltanski explica (1999, p. 78), Bernardo Kouchner, criador da organização, foi muito criticado por duas inovações: o largo uso da mídia para mostrar populações em sofrimento e pela união entre a ação humanitária e intervenções políticas, o que poderia ferir o direito à soberania dos países com esse tipo de emergência.

<sup>4</sup> “[...] the spectacle of suffering, incongruous when viewed at a distance by people who do not suffer, and the unease that this spectacle infallibly provokes – so evident today when eating our evening meal we see famished or massacred bodies paraded before our eyes in our home – is not a technical consequence of modern means of communication, even if the power and expansion of the media have brought misery into the intimacy of fortunate households with unprecedented efficiency. Similarly, the problems posed to the spectator (should he continue his meal, as if was nothing?) are not [...]. They emerged at the same time that pity was introduced into politics.”

política<sup>5</sup>. Ao mesmo tempo, esse espectador é localizado no teatro do séc. XVIII como alguém que observa os acontecimentos que se descortinam diante de seus olhos sem, no entanto, assumir um ponto de vista específico. Mas em que momento e como é possível que esse espectador deixe de ser um mero recebedor de informação para se tornar um agente de transformação?

Para Boltanski, a resposta se encontra na obra “Teoria dos Sentimentos Morais”, de Adam Smith, para quem o espectador sofre uma divisão interna (*split*) ao observar o sofrimento do outro: o espectador ordinário, que não está pessoalmente comprometido com aquilo que observa, e o espectador de si, ou espectador ideal, pois é capaz de refletir sobre sua própria conduta e, assim, comprometer-se moralmente com uma causa.

Assim, o espectador possui uma capacidade reflexiva que lhe permite simpatizar com o desafortunado, imaginando seu sofrimento. “O espectador representa para ele mesmo os sentimentos e as sensações do sofredor. Ele não se identifica com ele e não se imagina na mesma situação”<sup>6</sup> (1999, p. 38). Ele imagina o que sente uma mulher no trabalho de parto e não o trabalho de parto propriamente dito, por exemplo. A imaginação, portanto, tem um papel fundamental nesse processo, pois ela possibilita superar a distância que separa o espectador do sofredor.

O espectador, impactado e comprometido, relata aos outros o que viu e no próprio relato inclui os sentimentos que aquilo lhe despertou<sup>7</sup>. Mas como é possível produzir uma mobilização em torno de uma causa? Como garantir o comprometimento de um grupo com ela? Segundo Boltanski, isso seria feito pela convergência de julgamentos. Para ele, formas expressivas, como contos, músicas, filmes, novelas etc. teriam esse papel de coordenar percepções. Mas ainda assim isso não seria suficiente, pois essas formas expressivas precisam combinar aspectos que sejam específicos de uma certa situação para que o espectador se conecte com elas, mas precisam também ser genéricas o suficiente para que não se restrinjam a um determinado público. Conforme Boltanski (1999, p. 52),

---

<sup>5</sup> Hannah Arendt (2011), no ensaio A Questão Social, investiga como a condição dos trabalhadores e miseráveis de Paris passa a ser incorporada no discurso dos revolucionários franceses, especialmente Robespierre.

<sup>6</sup> “The spectator represents to himself the sentiments and sensations of the sufferer. He does not identify with him and does not imagine himself to be in the same situation.”

<sup>7</sup> Esse processo é fundamental, segundo Boltanski, pois o espectador não pode falar sobre o sofrimento como um repórter que simplesmente narra o que vê. Por isso, é fundamental incluir no discurso o impacto que a observação do sofrimento lhe causou (Boltanski, 1999, p. 43).



Entre esses dois extremos, existe um rico arranjo de formas que preenchem a imaginação do espectador do sofrimento a distância. Existem, por exemplo, formas que se situam na relação com a realidade, enquanto transformam-se em intriga e dramatização na história, como naquelas que trabalham entre o apelo, testemunho e história ficcionalizada, que são quase contemporâneas dos eventos a que reportam (chamados de ‘casos’). Ou, novamente, há novelas que se apresentam como ficção, mas contém ‘estados de casos’ compatíveis com a vida real ou, mais precisamente, personagens e circunstâncias que, quando vistos de modo certo, podem corresponder a pessoas e situações que foram assuntos de rigorosos relatos (em relatos de notícias diárias que dizem respeito a eventos particulares, por exemplo)<sup>8</sup> (tradução nossa).

Para despertar a piedade, os sofrendores devem ser representados em sua singularidade, mas não totalmente a ponto de inviabilizar a generalização necessária da política de piedade. “Em torno de cada sofredor apresentado, há multidões de substitutos” (Boltanski, 1999, p. 12)<sup>9</sup>.

Assim como o espectador se divide entre o observador desinteressado e o agente de transformação, a imaginação também passa por processo análogo. Ela pode se voltar para o agressor, o responsável pelo sofrimento do outro, ou para o benfeitor, isto é, alguém que alivia ou elimina esse sofrimento. Por isso, as narrativas podem ser criadas considerando-se o que se deseja focar e o que se espera do espectador. Se se deseja causar sua indignação para que ele realize uma denúncia, é preciso fazer uma descrição do tratamento que o desafortunado recebeu do agressor; se se deseja causar seu enternecimento (ou sua ternura, conforme os próprios termos de Boltanski), é preciso exibir a ação do benfeitor que aliviou o sofrimento e sua gratidão. De qualquer forma, essas construções narrativas precisam se conectar com mundo real, mesmo que elas próprias não sejam realistas.

Para o autor, o sentimento de indignação é muito poderoso e implica comprometer-se com uma situação. A princípio, o espectador poderia manifestá-la com violência, mas, devido à distância, acaba expressando-a pela fala, sendo a

---

<sup>8</sup> “Between these two extremes there is a rich array of forms to fill the imagination of the spectator of distant suffering. There are, for example, forms which situate themselves in relation to reality while transforming it into intrigue and dramatizing it in a story, as in those works half-way between plea, testimony and fictionalised history which are almost contemporary with the events they report (often *affaires*). Or, again, there are novels which present themselves as fiction but contain ‘states of affairs’ compatible with real life or, more precisely, stage characters and circumstances which when viewed in the right way can be seen to correspond to persons and situations which were the subject of strict reports (in up to date daily newspaper reports concerning particular events for example).”

<sup>9</sup> “Around each unfortunate brought forward crowds a host of replacements”.



denúncia uma de suas formas. Este é um tema importante para o autor, que já havia dedicado um artigo a ele (Boltanski, Darré, Schiltz, 1984). Em *Distant Suffering* (1999, p. 65), ele retoma essa questão e afirma que, mesmo que a denúncia do espectador seja motivada pela indignação, ele “[...] deve evitar a descrição de seus estados interiores quando deparado com o infortúnio do outro a fim de fornecer provas da realidade do sofrimento e, acima de tudo, bons motivos para a acusação”<sup>10</sup> (tradução nossa). Portanto, a indignação pode ser o motor que leva o espectador à denúncia, porém, ela deve ser feita objetivamente para que seja efetivamente aceita como tal. A denúncia que envolve algum sacrifício ou risco é considerada mais legítima, principalmente se ela for feita por alguém que vive sob coerção.

Vamos, então, verificar como as observações de Boltanski acerca da incitação à piedade e à denúncia podem ser entendidas à luz dos vídeos selecionados.

### 3 Campanhas de violência contra a mulher

Para realizar o trabalho de análise dos vídeos, recorreremos a algumas estratégias delineadas por Jacques Aumont e Michel Marie em *A análise do filme* (2019). Como os próprios autores informam (2019, p. 36), “não existe um método universal de análise de filme, pois cada análise é singular e adaptada ao seu objeto [...]”. Além disso, uma análise, segundo eles, é interminável, porque busca dar sentido a partir de um certo ponto de vista. Levando-se isso em conta, eles apresentam uma possibilidade de percurso de análise, que denominam “instrumentos” e que podem ser divididos em duas categorias: instrumentos internos e instrumentos externos (Aumont; Marie, 2019, p. 55). Os instrumentos internos podem ser descritivos, o que poderia ser basicamente reconstituir a narrativa, na medida do possível, do filme, e citacionais, isto é, que fazem uma leitura técnica do filme por meio da decupagem de planos, comparação de fotogramas (ou *frames*) ou exercícios de planificações, recortes de enquadramentos etc. E os instrumentos externos são aqueles exteriores ao filme, como sua produção, documentos, contexto, demais trabalhos do diretor etc, o que não se enquadra exatamente no propósito desta investigação.

Com base nessas considerações, então, iniciamos nossa análise pelo vídeo produzido pelo MPSC. Trata-se de uma videoanimação com personagens ilustrados, narração, trilha sonora, e aplicação de *letterings* para reforço de algumas mensagens narradas. Em termos descritivos, o vídeo apresenta diversas cenas que procuram

---

<sup>10</sup> “[...] must quickly eschew the description of his inner states when faced with someone else’s misfortune in order to provide proofs of the reality of the suffering and, above all, of good grounds for the accusation.”

representar uma violência que acontece no interior do ambiente doméstico e que são encadeadas pela narração:

Nos últimos meses, é do lado de dentro de casa que passamos a maior parte das horas fechados, em quatro paredes. Mas e você? O que ouve da sua janela? O que escuta dos vizinhos? Desconfia que sua vizinha seja vítima de violência doméstica? Se acredita que sim, vá em frente, comunique aos órgãos responsáveis. Em briga de marido e mulher é preciso sim meter a colher. A pandemia está escondendo alguns milhares de casos de violência contra a mulher, mas lembre-se: Juntas somos mais fortes. Tirar a máscara de quem agride uma mulher não tem hora, nem dia e vai ajudar a salvar uma vida. A Rede de Apoio irá atuar assim que acionada. Violência doméstica! Não se cale!

Como é possível notar, o vídeo se dirige às testemunhas da violência doméstica contra a mulher. Isso é evidenciado pela narração: “Mas e você? O que ouve da sua janela? O que escuta dos vizinhos? Desconfia que sua vizinha seja vítima de violência doméstica? Se acredita que sim, vá em frente, comunique aos órgãos responsáveis”. Esse aspecto discursivo é importante para engajar possíveis testemunhas, pois a mensagem reforça que não é necessário ver a cena de violência para se efetuar uma denúncia; é necessário fazê-lo antes que seja tarde demais. Isso é também evidenciado pelas três situações de violência da campanha, que não são explícitas. Na primeira (Figura 1), que ocorre logo no início do vídeo, ouvimos os sons de gritos de uma mulher e objetos se quebrando. Não vemos a violência, mas a intuimos com a exibição de uma casa e uma figura feminina que representaria uma testemunha.

Figura 1 – Frame da primeira cena de violência velada.



Fonte: MPSC (2021)

A outra situação (Figura 2) é a de um suposto casal, em que a figura masculina tem a mão erguida com o dedo em riste, enquanto a figura feminina ao lado está

curvada, como em posição de subserviência, representando uma possível cena de intimidação verbal ou violência psicológica.

Figura 2 – Frame da segunda cena de violência velada.



Fonte: MPSC (2021)

Na última situação (Figura 3), vemos uma outra personagem feminina sendo abraçada por trás pela sombra de um homem, que posiciona sua mão, em sinal de silêncio, sobre o rosto dela.

Figura 3 – Frame da terceira cena de violência velada.



Fonte: MPSC (2021).

As três cenas, portanto, exploram outros aspectos da violência contra a mulher, o que pode ter um papel didático para que o espectador compreenda que a denúncia pode ser feita mesmo com essas evidências. Durante a narração da animação, outras

mensagens expressas textualmente, como “Meter a Colher”, que complementa a fala “Em briga de marido e mulher é preciso, sim, meter a colher”, e, ao final, “Violência doméstica: não se cale!” reforçam essa mensagem.

Em termos estéticos, a animação explora uma paleta de cores baseada no lilás ou roxo, tradicionalmente associadas ao feminismo e à luta das mulheres, e seus complementares, como o laranja e o esverdeado/azulado. As figuras humanas da animação são representadas com cores “sólidas” ou “chapadas” e as representações do volume dos corpos possuem poucos efeitos de sombra. Ou seja, são figuras simples, com poucos detalhes, mas com grande expressividade corpórea, o que pode ser percebido pela grande variação das posições dos corpos, efeitos de composição com as cores e a caracterização do rosto (Figura 4). Essas figuras humanas constam em um banco de imagens (iStock, 2024), cujas cores originais foram alteradas para a paleta mencionada.

Figura 4 - Frame da propaganda do MPSC



Fonte: MPSC (2021).

Figuras humanas representadas com poucos detalhes, sem preocupação de manter proporções mais realistas, mas que ainda guardam relações com o corpo humano caminham para a generalização. Figuras detalhadas, que procuram singular a representação, adotando padrões mais realistas, caminham para a particularização. Este aspecto é importante para avaliarmos o quão aderente uma produção pode estar em relação à fórmula das formas expressivas apresentada por Boltanski, uma vez que quanto mais abstrata é a imagem, mais ela caminha para a universalidade, podendo alcançar ou engajar mais pessoas, que poderiam se sentir representadas por ela; quanto mais detalhada, ou quanto mais realista e objetiva, mais ela caminha para a particularização, o que poderia ter o efeito de promover uma conexão profunda com

alguns espectadores, mas dentro de um universo muito restrito, o que não é interessante para os efeitos da política de piedade, conforme já visto. Por isso, compreender como vítimas, testemunhas e agressores são representados numa campanha é importante para avaliar a possibilidade de os espectadores/as se conectarem com a causa apresentada.

Completamente distinta da produção do MPSC é o vídeo, já mencionado anteriormente, produzido pela ONU Mulheres em parceria com a Rede Globo. Gravado em locações reais, o vídeo inicia exibindo fachadas de prédios (Figura 4).

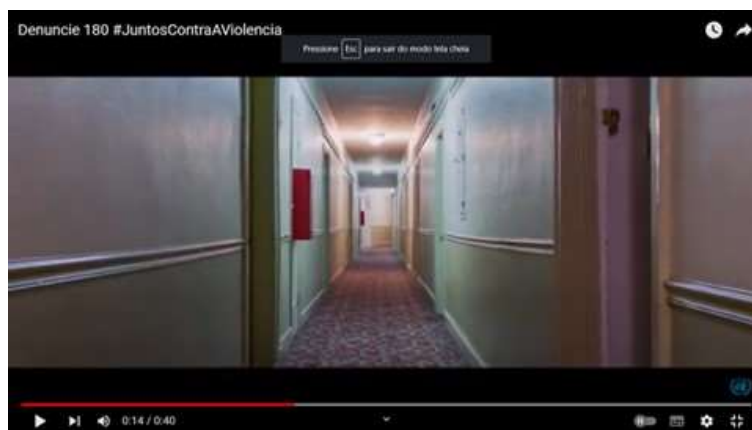
Figura 5 - Frame do vídeo ONU Mulheres



Fonte: ONU Mulheres (2020).

É possível ouvir sons de vozes humanas, masculinas e femininas, misturadas. Outros sons também são audíveis, como música, latidos de cachorro, e objetos se quebrando. Conforme a cena muda para exibir o ambiente interno de um desses prédios, como elevadores e corredor (Figura 5), os sons das vozes e os barulhos de objetos, como batidas de painéis, se intensificam.

Figura 6 - Frame do vídeo ONU Mulheres



Fonte: ONU Mulheres (2020).

O áudio é, então, cortado quando surge uma porta se fechando e é exibida a seguinte mensagem na tela: "Fique atento aos sinais. Enquanto você está seguro na sua casa, uma mulher pode estar correndo perigo na dela. Denuncie 180. #JuntosContraAViolencia". Ao final, são exibidos os logos da Rede Globo, GNT e ONU Mulheres.

Apesar do aspecto documental, não se trata de um vídeo localizável no tempo e no espaço. As cenas são totalmente genéricas, pois não é possível identificar onde poderiam ter sido gravadas. Deduzimos tratar-se de uma metrópole, pela quantidade das janelas dos prédios. Também não há exibição de nenhum personagem humano, o que seria aderente aos meses iniciais da pandemia, quando se recomendava o confinamento em casa para se evitar o contágio do Coronavírus.

O vídeo procura causar um impacto no espectador justamente ao provocar uma dissociação entre o que se ouve e o que (não) se vê. Assim como a peça produzida pelo MPSC, a violência contra a mulher é implícita; ela ocorre longe dos nossos olhos, mas não significa que ela não esteja acontecendo na porta ao lado da nossa. E, por isso, o vídeo convoca: "Fique atento aos sinais", "Denuncie 180".

Diferentemente da peça do MPSC, de cores fortes e chamativas, a peça da ONU Mulheres/Rede Globo tem o aspecto das fotografias envelhecidas, granuladas, desbotadas. As diversas janelas dos prédios exibidos, em tons acinzentados, exibidas serialmente, remetem às cenas do filme "Koyaanisqatsi, vida fora de equilíbrio" (1982), que exhibe exaustivamente cenas de uma sociedade que produz serialmente objetos, comportamentos e desagregação social. Nesse sentido, a peça da ONU Mulheres reforça, então, o sentido de desamparo e isolamento das vítimas.



#### 4 Discussão

Considerando-se a fórmula delineada por Boltanski, é possível afirmar que o vídeo da ONU Mulheres, pela ausência completa de referências espaciais e temporais pende para uma generalização ou universalismo absoluto. A ausência de presenças humanas faz referência à fase de confinamento das pessoas em suas casas, mas pode comprometer o objetivo da campanha já que não há nenhuma exibição de sofrendores ou vítimas, o que seria uma premissa de Boltanski para incitar a piedade. Ou seja, o vídeo pode ter passado totalmente despercebido pelo espectador em meio à programação do canal onde foi veiculado já que a única conexão com ele seria por meio do conteúdo textual “Fique atento aos sinais”.

A propaganda produzida pelo MPSC, por sua vez, preocupou-se em caracterizar diversos personagens femininos, tanto vítimas quanto testemunhas, ampliando a possibilidade de alcance do público. Ambientes domésticos também foram representados, explicitando onde ocorre a violência contra a mulher majoritariamente. Além disso, a narração destacou tanto o contexto da pandemia quanto seu objetivo principal, que foi o de demandar o comprometimento do espectador por meio do “Não se cale!”, caso ele testemunhe situações de violência contra mulheres.

Assim, com base nisso, no Gráfico 1 representamos visualmente como os dois vídeos se posicionam em relação à fórmula boltanskiana, considerando o equilíbrio entre universalização e particularização e a representação de sofrendores/vítimas.



Gráfico 1 - Fórmula de Boltanski x representação das vítimas



Fonte: Elaboração própria.

É possível observar com mais evidência, então, como o vídeo da parceria ONU Mulheres/Rede Globo se localiza no campo da universalização absoluta com uma narrativa que traz referências muito genéricas e sem representações de vítimas, enquanto o vídeo do MPSC teria alcançado um certo equilíbrio entre universalização e particularização, ao trazer referências didáticas de situações de violência e de ambientes onde elas ocorreriam sem, no entanto, pormenorizar casos e nomear vítimas específicas, além de procurar representar diferentes vítimas. Assim, concluímos que essa propaganda poderia ser capaz de despertar a piedade do espectador de um modo mais efetivo quando comparada com a campanha da ONU Mulheres/Rede Globo.

## 5 Considerações finais

É importante destacar que os dois vídeos se estruturam com base na denúncia, não tanto ao exibir o agressor (a propaganda da ONU Mulheres/Rede Globo não o exibe e a propaganda do MPSC exibe apenas uma única figura masculina) com a finalidade de causar uma possível indignação no espectador, mas por demandarem explicitamente uma ação de testemunhas nesse sentido.

Assim, questionamos se não deveriam ser feitas também outras propagandas que procurassem ensejar o sentimento de ternura no espectador, como escreve Boltanski, representando ações de benfeitores que aliviaram o sofrimento de mulheres, além de outras campanhas informativas como os direitos das mulheres e o amparo que a Lei Maria da Penha pode proporcionar-lhes, e mesmo outras focadas no comportamento abusivo masculino.

### Referências

ARENDDT, Hannah. A questão social. *In*: ARENDT, Hannah. **Sobre a revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 92-157.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2019.

BOLTANSKI, Luc. **Distant suffering**: morality, media and politics. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

BOLTANSKI, Luc; DARRÉ, Yann; SCHILTZ, Marie-Ange. La dénonciation. **Actes de la recherche en sciences Sociales**, França, v. 51, p. 3-40, mar. 1984. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/arss\\_0335-5322\\_1984\\_num\\_51\\_1\\_2212](https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1984_num_51_1_2212). Acesso em: 17 mai. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência doméstica durante a pandemia**. 16 abr. 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/05/violencia-domestica-covid-19-v4.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e invisível**: a vitimização de mulheres no Brasil. 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2023.

ISTOCK. **iStock**. Disponível em: <https://www.istockphoto.com/br/vetor/mulher-s%C3%B3-triste-na-depress%C3%A3o-com-cabelo-do-v%C3%B4-gm1166335598-321256623>. Acesso em: 7 mar. 2024.

KOYAANISQATSI. Direção de Godfrey Reggio. [Filme]. Estados Unidos: Institute for Regional Education, 1982. 86 min.

LACERDA, Luana Brito; LELLIS, Demerval Ricardo; RABAY, Glória. Regularidades discursivas dos casos de feminicídio no Diário do Sertão. **PragMatizes**: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, Niterói, v. 13, n. 24, p. 75 – 98, mar. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/55778/33833>. Acesso em: 7 mar. 2024.

MEDEIROS, Débora Oliveira; MOZDZENSKI, Leo. “Não quero ser mãe, não estou pronta”: a entrega legal para adoção e a (re)produção do cativo da madrepresa nas narrativas jornalísticas. **PragMatizes**: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, Niterói, v. 13, n. 24, p. 28 – 52, mar. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/55268/33829>. Acesso em: 7 mar. 2024.

MPSC. MINISTÉRIO PÚBLICO DE SANTA CATARINA. **Relatório violência contra a Mulher**. Florianópolis: Ministério Público de Santa Catarina, 2023.

MPSC. MINISTÉRIO PÚBLICO DE SANTA CATARINA. **Violência doméstica**: não se cale. 2021. 59 seg., son., color. Disponível em: <https://youtu.be/DAUQM0xO6H0>. Acesso em: 25 jul. 2023.

NOGUEIRA, Elayne E.; SIMÕES, Elsa; SANI, Ana. Análise de campanhas publicitárias institucionais no combate à violência doméstica. **Estudos em Comunicação**, São Paulo, n. 35, p. 1 – 25, dez. 2022. Disponível em: <https://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/ec/article/view/1061/pdf>. Acesso em: 7 mar. 2024.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de; MASCARENHAS, Fernanda Assunção Camelier; MIRANDA, Sasha Morbeck. Retablos ex-votivos como suporte de denúncia da violência contra a mulher. **PragMatizes**: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, Niterói, ano 13, n. 24, p. 53 – 74, mar. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/55450/33831>. Acesso em: 7 mar. 2024.

ONU BRASIL. **Campanha de Globo, GNT e ONU Mulheres alerta sobre a violência doméstica no isolamento social**. Brasília, 4 maio 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/85691-campanha-de-globo-gnt-e-onu-mulheres-alerta->

[sobre-viol%C3%Aancia-dom%C3%A9stica-no-isolamento-social](#). Acesso em: 10 jul. 2023.

ONU MULHERES. **Denuncie 180 #JuntosContraAViolencia**. 2020. 40 seg., son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DD9U6S67xL0>. Acesso em: 10 jul. 2023.

PAIVA, Carla Conceição da Silva; SANTOS, Mariane Ribeiro dos. Violência contra as mulheres negras em A vida depois do tombo (2021). **PragMatizes**: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, Niterói, v. 13, n. 24, p. 149 – 184, mar. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/56066/33858>. Acesso em: 10 jul. 2023.

RABAY, Glória; ARBEX, Felícia. Femicídio em pauta: análise de discurso sobre um crime de gênero que ganhou destaque nos programas policiais da Paraíba. **PragMatizes**: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, Niterói, v. 13, n. 24, p. 99 – 122, mar. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/56068/33835>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SCHER, Crislaine A. de L.; DYLBAS, Paula Maria L.; FIUZA, Adriana A. de F. Representações da violência contra mulheres na narrativa seriada Coisa mais linda (2019). **PragMatizes**: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, Niterói, v. 13, n. 24, p. 123 – 148, mar. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/55421/33837>. Acesso em: 10 jul. 2023.